

## O COMPÊNDIO DE PEDOLOGIA E PROCESSOS DE CIVILIDADE DA MENINICE: PEDAGOGIA E CORPO

**Pedology Compendium and infancy civility processes: pedagogy and body**

**En lo Compendio de Pedología y los procesos de civilidad de la infancia: pedagogía y cuerpo**

Ricardo de Figueiredo Lucena CE/UFPB\*

Mariza de Oliveira Pinheiro CCHLA/UFPB\*\*

### Resumo

A idéia central deste estudo é abordar o processo de civilidade da fase infantil, através da análise do *Compendio de Pedologia*, de autoria do Monsenhor Pedro Anísio, editado em 1937. A intenção é tecer uma reflexão acerca da construção da educabilidade do corpo e das bases fundadoras das condutas disciplinadoras desta época, destinadas à meninice. Neste sentido, o objetivo é analisar as representações contidas no *Compendio*, que evidenciam as transformações sócio-culturais, por qual passou o corpo *pueril*. E, conseqüentemente, compreender, os processos de controle social, ou seja, quais as condutas disciplinadoras, ou os códigos de condutas que influenciaram a construção da auto-imagem da meninice? Para abordar a perspectiva acerca do processo de civilidade da meninice e das condutas disciplinares, contidas no *Compendio de Pedologia*, a obra de Norbert Elias, constitui-se em importante fonte de inspiração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Compendio de Pedologia. Processos de civilidade. Meninice. Norbert Elias.

### Abstract

The main idea in this article is the approach to infancy civility process by means of the analysis of the *Pedology Compendium*, by Monsenhor Pedro Anísio, published in 1937. The intention is to make a reflection about the body educability construction and the founding bases of the disciplining behaviors of that time, with a view to infancy. Therefore, our aim is to analyze the representations contained in the *Compendium*, that make it clear the socio-cultural transformations by which the infantile body has gone through, and consequently, understand the social controlling processes, that is, what were the controlling behaviors or behavior codes that influenced the construction of infancy self-image? In order to address the perspectives about the infancy civility process as well as the disciplining behaviors in the *Compendium*, Norbert Elias's literary work is an important source of inspiration, especially as a theoretical-methodological model of historical, sociological analysis. Elias suggests the bases for a new paradigm of analysis called processual and relational methodology.

**KEYWORDS:** *Pedology Compendium*. Infancy. Civility process. Behavior Codes. Norbert Elias

\* Professor do Departamento de Fundamentação da Educação CE/UFPB. Graduado em Educação Física (UFPB). Mestre e doutor em Educação Física (UNICAMP). Email: cacolucena@gmail.com

\*\* Professora do Departamento de Artes Visuais CCHLA/UFPB. Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo e Especialista em Educação Básica (UFPB). Mestre em Educação, na linha de pesquisa História da Educação e Cultura (UFRN). E-mail: mariza\_pinheiro@yahoo.com.br.

## Resumen

La idea central de este artículo es abordar el proceso de civilización de la etapa infantil, mediante el análisis del Compendio de Pedología, escrito por Monsenhor Pedro Anísio, publicado en 1937. La intención es tejer una reflexión sobre la construcción de la educabilidad del cuerpo y las bases fundacionales de conducta disciplinaria, en esta ocasión dirigida a la infancia. En este sentido, el objetivo es analizar las representaciones contenidas en el Compendio, que ponen de manifiesto los cambios socio-culturales, para lo cual el cuerpo tiene pueril. Y, por lo tanto, comprender los procesos de control social, es decir, ¿qué conducta disciplinaria, o, códigos de conducta que influyó en la construcción de la auto-imagen de la infancia? Para hacer frente a la perspectiva sobre el proceso de la civilidad de la niñez y la conducta disciplinaria contenida en el Compendio de Pedología, la obra de Norbert Elias constituye una importante fuente de inspiración.

**PALABRAS CLAVE:** Compendio de Pedología. Procesos de civilidad. Infancia. Norbert Elias.

## INTRODUÇÃO

Mas, não só o menino se distingue do homem feito, pelo que respeita ao poder de intensidade do trabalho que nele é inferior ao do adulto, mas ainda, pelo que concerne á sua estrutura íntima, á distribuição de suas aptidões e agrupamentos dos processos intelectuais. (ANÍSIO, 1937, p. 72)

A idéia que nos anima aqui é abordar o processo de civilidade da meninice, através da análise do *Compêndio de Pedologia*, editado em 1937, de autoria do Monsenhor Pedro Anísio Bezerra Dantas<sup>1</sup>. O livro foi adotado na Escola Normal ou Escola de Professores e cursos de aperfeiçoamento pedagógico do Estado da Paraíba. A intenção é tecer uma reflexão preliminar, acerca da construção da educabilidade do corpo e das bases fundadoras das condutas disciplinadoras da época, destinadas à meninice.

Neste sentido, o objetivo é analisar as transformações sócio-culturais pela qual passou o corpo *pueril*<sup>2</sup> e, compreender, que processos de controle social, ou seja: as condutas disciplinadoras, ou os códigos de condutas que influenciaram a construção da auto-imagem da meninice? Quais eram as regras estabelecidas como “aceitáveis” socialmente para o comportamento *pueril* da época? Quais as representações de educabilidade, como: postura, modo de vestir, valores sócio-culturais, éticos e morais vigentes? Quais as redes de tensões e de interdependências que envolviam a normatização do corpo?

<sup>1</sup> Monsenhor Pedro Anísio nasceu no dia 27/12/1883 na cidade de Bananeiras/PB e faleceu na capital do Estado no dia 31/12/1979. Ordenou-se no Seminário da Paraíba em 1907. Gradou-se em Filosofia e Teologia dogmática pela Universidade Gregoriana, em 1910. Ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano em 12/10/1916. Lecionou no Liceu Paraibano e na Escola Normal, tendo sido o primeiro Diretor do Departamento de Educação do Estado, criado em, 1935. Fundador e diretor da Escola Profissional “Padre Anchieta” e redator e diretor de *A Imprensa*, jornal da Diocese.

<sup>2</sup> *Pueril* é o termo usado para designar a fase infantil, próprio de criança, ingênuo, meninil. O termo expandiu-se a partir dos escritos sobre educação de Erasmo de Rotterdam, conhecido pensador humanista da Renascença. Teve importantes livros sobre as questões da infância e juventude, dentre eles destacam-se: *De civilitate morum puerillium* (Sobre a civilidade dos costumes pueris) e *De Pueris*.

Para abordar a perspectiva acerca do processo de civilidade da meninice e das condutas disciplinares, contidas no *Compendio de Pedologia*, a obra, de Norbert Elias, constitui-se em importante fonte de inspiração. Sobretudo, como modelo teórico-metodológico de análise histórico-sociológica. Elias sugere as bases para um novo paradigma de análise, denominado metodologia processual e relacional (ELIAS, 1994, p. 26). A metodologia eliasiana permite reconstruir a lógica da dinâmica social e a compreensão das interdependências, existentes em cada período histórico, além dos múltiplos processos civilizadores que se estabelecem em sociedades e grupos distintos. Permite também, compreender, às relações de força e de poder que contribuem para configurar e dar sentido a realidade de grupos distintos.

Fundamentalmente, a partir das regras de civilidades, Elias delimitou as interdependências existentes na configuração daquele determinado tempo histórico analisado e suas posteriores transformações, além das importantes trocas que se operaram na vida cotidiana. “Elias elaborou uma sociogênese, dos comportamentos atuais”, como o diz, Julia Varela, no prólogo do seu livro, *Conocimiento y poder* (p. 28).

Para esta autora, as regras de urbanidade estudadas por Elias converteram-se em um importante e fértil dispositivo de análise. Em primeiro lugar, para compreender as interdependências contidas na configuração e as transformações sofridas pelos sujeitos, como comportamento, autocontrole das emoções e a disciplina imposta; em segundo lugar, mostrou a identidade de determinados grupos visíveis, através das condutas que classificam e desqualificam a cultura dos grupos. Nesse particular, é preciso considerar ainda, que “a relação entre indivíduo e as estruturas sociais só podem ser esclarecidas se ambos forem investigados como entidades em mutação e evolução” (ELIAS, 1992 a, p.220)

As bases dos estudos de Elias nos fornecem subsídios para compreender a lógica interna da dinâmica social, as relações de poder, de força e as interdependências que contribuem para configurar e dar sentido à realidade.

Será de grande valia, para o desenvolvimento desse trabalho o conceito de civilização, elaborado por Norbert Elias. Segundo este autor, a compreensão acerca do conceito de civilização, abrange uma grande variedade de fatos, que incluem o desenvolvimento científico, os tipos de condutas, os níveis de tecnologias, os costumes, etc. Por isso, é necessário, partir do princípio de que esse processo é marcado por três aspectos que ele denominou de “tríade de controles básicos”: o primeiro, é o controle das relações de acontecimentos extra-humanos, isto é, a que nos referimos de modo vago, acontecimentos naturais; o segundo, o controle das relações inter-humanas, ou seja, aquilo a que nos referimos como as relações sociais; e o terceiro, o controle individual, ou o auto-controle aprendido desde a infância.

A interrelação de fatores, no sentido de um controle crescente e a longo período de tempo, trás à tona a caracterização de um processo não planejado, fruto da dinâmica, da interdependência entre estruturas psicológicas individuais (as chamadas estruturas de personalidade) e as estruturas sociais, ou as formas criadas por grande número de indivíduos interdependentes. Nesse sentido, “a estrutura das funções psicológicas, o modelo específico de controle do comportamento num período dado, vincula-se à estrutura das funções sociais e à mudança nos relacionamentos entre as pessoas” (ELIAS, 1992b, p.266).

Em síntese, para Elias, o que consideramos como civilização pode ser designada, como transformações gerais de uma sociedade, num longo período de tempo e em determinada direção, cujo controle das emoções individuais por limitações externas e internas e, nesse sentido, a estrutura de todas as formas de expressão, são alteradas em uma direção particular. Elias destaca que a idéia de civilização encontrou expressão

num termo elaborado por Erasmo de Rotterdam, em “De civilitate morum puerilium” (Da civilidade em crianças), no século XVI, posteriormente utilizado em outros países como símbolo de um novo refinamento das maneiras, o termo ‘civilidade’, que mais tarde deu origem ao verbo civilizar.<sup>3</sup>

A partir da teoria elisiana, pode-se dizer que, o conceito de civilização nasceu de um conjunto específico de situações históricas de controles emocionais e construções de auto-imagens.

O *Compêndio de Pedologia*, objeto de nosso estudo, traça inúmeros princípios para a construção da civilidade da meninice no início do século XX, na Paraíba. Aborda a renovação de métodos e processos educativos, através do movimento pedológico que emergia neste dado período. Movimento que se adequou as transformações das noções do velho e do novo mundo, tido como um ‘Manual’ de orientação e guia para o comportamento moderno.

Assim, um aspecto a considerar são as transformações que ocorreram e continuam ocorrendo no contexto de cada sociedade. Para a análise que nos propomos a realizar, as mudanças sociais – de costumes e condutas – sofrem uma tentativa de controle, a partir do que passa a ser esperado socialmente. Isso porque, a modificação nos estilos de vida social impôs uma crescente restrição aos sentimentos. À medida que vamos deixando para trás os grupos menores, dos quais emergimos como indivíduos e nos envolvemos, numa cadeia interdependente crescente, que envolve vários aspectos da vida social, mais e mais o controle do comportamento esperado nesse ‘novo’ ambiente, passa pelo crivo das atitudes exigidas dos adultos e pelos adultos aos membros mais jovens de uma sociedade.

O *Compêndio de Pedagogia* aplicado aos alunos da Escolar Normal seria um veículo privilegiado de entendimento para a formação do jovem nas escolas, porque, como diz o Mons. Pedro Anísio (1937, p. 20), “...o educador, como o artista, deve sacar a forma viva de potência da matéria, que, no caso, é o menino, o jovem, o homem em via de formação”.

### **O Compendio de Pedologia**

A Pedologia, considerada pelo Mons. Pedro Anísio como uma ciência, ou seja, “saber sistematizado, estudo detido e, tanto quanto possível completo dos fatos pertinentes à vida do menino para apanhar as leis que lhe regem o desenvolvimento físico e mental” (COMPENDIO DE PEDOLOGIA, 1937, p. 21). Destina-se a subsidiar a base teórica da educação desde a fase *pueril*. A obra, publicada em 1937 é apresentada como um “manual” de inspiração Tomista e está inserida, segundo seu autor, “no plano superior da pedagogia integral e da filosofia de vida [onde] deve encontrar seu lugar definido todo método que, de algum modo, contribua para o progresso da ciência do menino” (p. 9), contém vasto e aprofundado conhecimento sobre o educando, fundamentando a prática do educador. Entender a formação do menino, não só do seu modo de ser e comportar-se, mas também da sua fisiologia, suas maneiras de higiene e atividade física, “os movimentos, os gestos e atitudes, a expressão do rosto, as ações, etc., convertem-se então para nós em outros tantos sinais dos diferentes estados de alma.” (p. 34). A expressão desse controle se dá na ação educativa que se estrutura na forma de uma “ciência” chamada pedologia.

<sup>3</sup> A esse respeito vale a pena conferir o volume I de O Processo Civilizador e especialmente o capítulo II “A civilização como transformação do comportamento humano”. Elias, 1994. A.

Segundo o próprio *Compêndio*, o termo *Pedologia* vem de duas palavras gregas: *pais*, que significa menino e *logia*, discurso tratado, ou seja, trata-se da *ciência do menino* (COMPENDIO DE PEDOLOGIA, 1937, p. 21). O uso do termo aparece desde o século XVI, em Leipzig, na obra do filólogo e teólogo alemão Pedro Sehade Mosellano que resumiu as doutrinas de seu tempo relativas à educação. Nos fins do século XIX, o termo generalizou-se a partir das contribuições do pedagogo e psicólogo Oscar Chrisman, com a obra, *Paidologie, Entwurf zu einer Wissenschaft des Kindes*. Inaugural dissertation.

Alguns autores (CLAPARÈDE e outros) têm a Pedologia como ciência normativa ou aplicada. Contudo, a Pedologia, sobretudo, aborda a corporeidade da meninice, a individualidade, as aptidões, as condutas disciplinares, éticas e morais que favorecem ou retardam a sua evolução.

No Manual, a Pedologia, enquanto ciência, é dividida em duas áreas: 1) Ciência pura (teórica) – Pedologia, compreende a Psicologia Infantil ou Psicopedagogia, a Fisiologia infantil, a Patologia infantil, a Criminologia infantil, etc.; 2) Ciência aplicada (prática ou nominativa) – Pedotécnica educativa; abrange a Pedagogia científica, a judiciária e a medical (Pediatria), a Higiene escolar e a Médico-Pedagogia e Ortofrenia.

O objeto primário da Pedologia é a análise da corporeidade da meninice. O corpo e seus aspectos morfológico, fisiológico e antropológico. O texto, seguindo a estrutura dos manuais da época, tem uma parte destinada à discussão das áreas que dão o primeiro suporte à pedologia: a filosofia e a psicologia. O autor claramente se alinha na filosofia de Platão e, por conseguinte, a uma pedagogia da essência que se pode notar na seguinte passagem:

Se ouvida, com efeito, que a educação é, de sua natureza, processo vital, verdadeira geração moral, porque se não pode realizar senão a mente do educador atua e fecunda a mente do educando, tanto vale dizer que há mutua relação espiritual entre o mestre e o discípulo, relação que não é, por via alguma a de um mero ‘dar e receber’, visto como vigora entre dois seres vivos, ativos e dotados de liberdade.

Eis a lacuna mais sensível da Pedagogia moderna: - falta-lhe uma filosofia da vida, uma orientação, um critério superior, a ciência dos ideais, donde vem, como diz Forester, a energia educadora, a energia que eleva (ANÍSIO, 1937, p. 10- 11)

Na seqüência, procede a crítica a Kant e a Descartes, colocando-os como os responsáveis pela desarticulação do homem e a conseqüente desarticulação de “todos os ramos do saber: - a ciência, a filosofia, a moral, o direito, a religião, a literatura, a arte, a história, a civilização” (ANÍSIO, 1937, p. 12). Nesse sentido, a autonomia da ordem moral para o Mons. Pedro Anísio e a causa de todo o descompasso que colocou o homem diante do abismo “entre os sentidos e a inteligência, entre a razão teórica e a razão prática (...)” (ANÍSIO, 1937, p. 12). E é na tentativa de costurar esse abismo que surge a pedologia como a ciência que reclama - segundo para o mons. Pedro Anísio (1937, p. 21) - “um exame perfeito do menino, debaixo quer do aspecto somático, quer do aspecto psicológico”.

Para Le Breton (2007, p. 10), a problemática do corpo, enquanto lugar de expressão, é a marca do indivíduo. E de certa forma, o distingue dos outros, na medida em que se ampliam os laços sociais e a teia simbólica, provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator. Conforme este autor, A corporeidade é socialmente construída (*idem*, p. 19)

Sendo o corpo também o lugar da diferenciação individual (LE BRETON, 2007, p. 11). A representação deste é, na mesma medida, a representação da individualização do sujeito.

As representações da pessoa e aquelas, corolários, do corpo estão sempre inseridas nas visões do mundo das diferentes comunidades humanas. O corpo parece explicar-se a si mesmo, mas nada é mais enganoso. O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna. A caracterização do corpo, longe de ser unanimidade nas sociedades humanas, revela-se surpreendentemente difícil e suscita várias questões epistemológicas. O corpo é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural. (LE BRETON, 2007, p. 26)

Le Breton (2007) evidencia o uso do corpo como fio condutor de análise, cristalizado no imaginário social, não apenas como diferenciador do sexo, ou seja, redutível ao biológico. O significante “corpo” é uma construção simbólica, modelada através de hábitos culturais, que implicam variados conjuntos de gestos codificados de diferentes maneiras ou da expressão das emoções. Os códigos sujeitam os atores/atrizes sociais a uma etiqueta corporal, adotada espontaneamente, em função de normas implícitas que guiam o comportamento humano e constroem sua auto-imagem.

A mentalidade do menino que escrevemos no Tratado de Pedagogia, diverge segundo as regiões, os climas, o gênero de alimentação, as tradições, usos e costumes dos habitantes, a posição social, acultura e moralidade da família, a convivência e trato doméstico e social, as escolas que freqüentam, a educação que recebem, as fabricas, oficinas em que trabalham, os mistérios e ocupações a que se entregam” (ANISIO, 1937, p. 25).

Percebe-se que, além dos aspectos influenciadores da educabilidade já conhecido como: a sociedade, a família, a escola, o Estado, o Compendio destaca o forte princípio moralizador da religião. Esse aspecto, para Elias, ou seja, a crença na onipotência punitiva ou como prêmio de Deus têm efeitos civilizadores de controle das emoções e da própria construção da auto-imagem.

Desta forma, as características atribuídas a cada sexo dependem das escolhas culturais e sociais e não apenas de uma determinação biológica. Nesta mentalidade, é evidente dizer que, a condição de homem e da mulher não se inscreve, apenas, em seu estado corporal; ela também é construída socialmente. Essa construção social está imbricada num processo de crescente envolvimento que marca a conduta de indivíduos e grupos.

## **O Compendio e o corpo do menino**

O Manual começa essa parte tratando da evolução física do menino e suas diferenças em relação ao adulto. Trata, primeiramente, das diferenças anatômicas, destacando a cabeça, onde chama atenção o fato de ser “relativamente grande”; também destaca como item o esqueleto e o crânio. Num segundo momento, apresenta as “diferenças fisiológicas ou funcionais”, tratando aí da freqüência de pulso, dos sentidos (tato, visão, etc). Seguindo o modelo de análise proposto pelo autor, o próximo passo são as medidas antropométricas. Destaca que as principais medidas, *para apreciar o desenvolvimento corporal são as seguintes: a estatura, a grande abertura dos braços, o perímetro torácico, o perímetro do antebraço, o peso do corpo, o perímetro da cabeça e sua*

*forma, os diâmetros da cabeça e altura (desde o conduto auditivo até o vértice do crânio).* (ANÍSIO, 1937, p. 74-75)

Após breve descrição sobre o ritmo de crescimento e a diferença entre meninos e meninas, o autor nos apresenta os fatores que influem no crescimento. O primeiro deles é a raça e a herança; segue-se a este o clima, as condições sociais, o sexo, a influência da escola, a influência da puberdade. Dentre esses fatores, os dois últimos – a escola e a puberdade – merecem um destaque especial. Esse destaque aponta a relação que o Manual procura estabelecer entre a ação institucional da escola e a ação individual do sujeito. À escola cabe o papel de acolhimento e condução do menino com atenção à “índole especial do menino, sua debilidade e a nímia fatigabilidade, (...)” (ANÍSIO, 1937, p. 78).

O outro aspecto é justamente a puberdade. Enquanto a escola é relativa a ordem social, a análise da puberdade tem seu fundamento no aspecto individual. Por isso, toda análise recai sobre os fatores de “desenvolvimento de todos os órgãos” e o indivíduo é o jovem que “nesse momento [é] um inadaptado ” (ANÍSIO, 1937, p. 79).

Nesse sentido, o padrão de controle social a que o indivíduo vai sendo paulatinamente submetido é, primeiramente, incutido pela ação dos adultos (pais e professores) e, posteriormente, vai se transformando numa segunda natureza capaz de “moldá-lo” nos padrões e normas aceitas pelo grupo. Assim para o autor do Manual, “é necessário, sobretudo, inspirar aos meninos grande pudor, ensinando-lhes os meios de conservarem-se decorosos e modestos em toda a parte, a sós ou em público” (p. 84) Note-se que o “a sós ou em público” denota não apenas um controle social dos costumes e gestos, mas também um auto-controle, que marca a conduta dita civilizada para os indivíduos.

A vigilância dos pais estende-se a tudo: aos vestidos; à maneira de sentar-se; ao repouso (!) na cama, etc.; aos jogos e diversões, aos companheiros, aos passeios, às leituras, procurando sempre afastá-los do que possa acaso ofender a inocência dos costumes (ANÍSIO, 1937, p. 84)

A relação com o corpo é aqui aprofundada. Os gestos, a forma de comportar-se é, para o autor do Manual, o caminho para a educação especial que se requer com o advento da puberdade. Nesse contexto, a educação sexual e a cultura física são indispensáveis. Afinal, é o controle da ação motora um fator relevante na ação civilizadora. O que se controla não são as emoções, mas a ação motora dela decorrente.

O Manual é contra a educação sexual “coletiva”, que serve apenas, segundo Mons. Pedro Anísio, “para arrancar de vez o pudor aos jovens e sobreexcitar-lhes as paixões”. E advoga uma educação sexual “individual”, “feita aos poucos, de maneira progressiva, segundo as oportunidades, com palavras graves, incisivas que, longe de provocarem, amortecem todo o não prurido de curiosidade mórbida”. (ANÍSIO, 1937, p. 85)

É interessante observar que, para o autor, este dever “é privativo dos pais”, mas, se por acaso, estes não conseguirem sucesso, não cabe ao mestre ou professor sanar a deficiência. Esse papel será do “padre” (sic), “quem intervirá, para suprir-lhes as deficiências. (...)” (ANÍSIO, 1937, p. 85). Isso no caso dos meninos. No caso das meninas, caberá as mães passar a orientá-las. Reparemos que o sexo é um tabu presente na ordem social vigente e o representante da igreja aparece aí como um fiel depositário do conhecimento que se sobrepõe ao papel do mestre ou do professor. No final dessa parte, o texto do Manual é taxativo: “merece toda a nossa reprovação a campanha pertinaz que se vai fazendo no Brasil em prol da educação sexual nas escolas” (ANÍSIO, 1937, p.85).

Já no tocante a educação física, também tratada como cultura física, aponta o Mons. Pedro Anísio, para a sua necessidade “a todos os educandos, em todas as idades, sem excetuar os débeis, franzinos e raquíticos” (ANÍSIO, 1937, P. 85). A reflexão, como era de se esperar, recai sobre a idéia da educação física como regeneradora da saúde e do desenvolvimento do organismo. Os jogos e a ginástica são os conteúdos fundamentais e, coerente com toda a filosofia professada no Manual indica que “é preciso projectar-se a luz sobre a individualidade somática e psicologia dos educandos, para acomodar os exercícios às suas necessidades físicas e anímicas” (ANÍSIO, 1937, p. 87). Nesse sentido, faz-se necessário a apresentação e construção das chamadas “Cartas sanitárias” ou “Folhas biológicas”.<sup>4</sup>

A educação física é sempre mencionada como forma de conter sintomas de anomalias graves que emergem, principalmente na puberdade. O programa de educação física, baseado na chamada “ginástica educativa e racional”, segue o critério de divisão dos alunos “em classes homogêneas, sendo os anormais e retardados submetidos aos exercícios de ginástica ortopédica”<sup>5</sup>(ANÍSIO, 1937, p. 88)

A nosso ver, a racionalização dessas práticas é uma forma de controle exercido pelos adultos sobre as crianças e jovens. O gesto medido e calculado passa a fazer parte do processo de civilização, requerido para a vida em sociedade. Os padrões de comportamentos se alteram e as pressões sociais se estendem para todos os setores da vida, em diferentes fases. A educação promulgada pelo Compêndio de Pedologia é um exemplo do esforço, do segmento intelectualizado da Paraíba, no início do século XX, em montar uma resposta, via educação, adequada aos desafios que se impunham. É um dos primeiros aspectos desse desafio se dá pela ação corporal. A escola é um *locus* privilegiado do exercício do tipo de comportamento desejado e que passa a ser aceito como o mais correto, o mais adequado e o que denota um certo tipo de “prestígio” social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é nesse sentido que podemos entender a seguinte passagem, proposta por Norbert Elias, referente à teia de controles que se constroem no delicado jogo de convivência social. Para Elias:

Uma trama delicadamente tecida de controles, que abarca de modo bastante uniforme, não apenas algumas, mas todas as áreas da existência humana é instalada nos jovens desta ou daquela forma; e às vezes de formas contrárias,

<sup>4</sup> As cartas sanitárias serviriam como fichamento individual dos alunos onde, além dos dados gerais como: nome, idade e etc. conta ainda, informações como antecedentes, medidas do corpo e etc. (ANÍSIO, 1937, pag. 88 e 89).

<sup>5</sup> O Apêndice B nas páginas 89 a 91 detalha um “Programa de Educação Física” para os quatro anos iniciais de escolarização dos meninos. No primeiro ano, por exemplo, que compreende a idade entre seis anos e 7 meses a 7 anos e 6 meses é previsto “atividades dramáticas, ginástica historiada, rudimentos de ginástica rítmica, marchas, etc.

como uma espécie de imunização, através do exemplo, das palavras e atos dos adultos.

Esse talvez seja o papel mais importante desempenhado pelo *Compêndio de Pedologia com vistas a organização da educação das crianças e jovens, na Escola Normal da Paraíba*.

## REFERÊNCIAS

- ANISIO, Monsenhor Pedro. *Compendio de pedologia e pedagogia experimental*. Empresa Editora A. B. C. Limitada. Rio de Janeiro. 1937.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994 a.
- \_\_\_\_\_. *O processo civilizador*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994 b.
- \_\_\_\_\_. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Conocimiento y poder*. Edición, traducción y prólogo, Julia Varela. Las Ediciones de La Piqueta/Ediciones Endymión: Madrid, 1994. (Coleção Genealogia e Poder, nº 24)
- LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2. ed. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres*. Tradução de Francisco Morás. Editora Vozes - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (Le monde des femmes).

Recebido em: 23/07/2015

Aprovado em: 26/06/2016